

EDUCAÇÃO E CANDOMBLÉ: UM DIÁLOGO CHEIO DE ENCRUZILHADAS

REJANE MARIA PEREIRA DA SILVA

Doutoranda em Ciência da Religião, pela Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP. rejanepereira4@gmail.com

MILLENA DE AZEREDO LOPES VENTURA

Estudante de Pedagogia, pela Universidade Federal de Pernambuco- UFPE. Millena.ventura@ufpe.br

RESUMO

O terreiro tem como princípios a filosofia da coletividade, a valorização da tradição oral e a preservação da sabedoria ancestral. Esses princípios possibilitam aos seus praticantes as encruzilhadas, as resistências e as vivências coletivas, além da promoção do diálogo inter-religioso, já que não exclui os diferentes. Nessa perspectiva, esta comunicação tem como objetivo apresentar o candomblé como um espaço educativo que oferece elementos que possibilitam contribuir para a promoção de uma educação antirracista.

Palavras-chave: Candomblé. Educação. Encruzilhadas.

1. INTRODUÇÃO

Estamos vivenciando tempos “sombrios” onde o outro e a outra nos parecem estranhos e estranhas. Nesse processo nada mais saudável que ter um lugar que possibilite as trocas, escutas generosas, travessias de vivências e ensinamentos coletivos. Um lugar que não esteja atrelado a epistemologias fundamentalistas e que entenda as diferenças como possibilidade de compartilhamento e encruzilhadas.

Nesse contexto, o terreiro traz a noção do encantar-se com as travessias dos diálogos e as encruzilhadas como possibilidades – no caminho sentir a presença do outro e da outra, reinventando o tempo para muitos caminhantes – mesmo sem ter certezas, pois sabemos que dialogar com a diversidade religiosa é desafiador.

“Falar sobre terreiro é refletir sobre visão de mundo, uma prática social e uma disposição simbólica que está irmanamente ligada a identidade negra e afro-brasileira”¹. É, nesse território de magia, de afeto, entrelaço, do viver coletivo, que o povo de axé convive com essência, vivência em comunidade, local onde homens e mulheres negras (mãe de santo, filha de Santo, pai de Santo, ialorixás, babalorixás, yabás, equedes, ogans), vivem, apaixonam-se e celebram o amor, sentem e constrói as vivências, suas referências, com entrelaços de sentimentos para o seu existir, fortalece-se para o embate de enfrentamentos às diversas formas de violências que são submetidas e submetidos atravessando desde o racismo religioso, seja em diversas formas de preconceito, negações, apagamento de memória, tentativas de esquecimentos de um passado de luta de um legado dos valores ancestrais, bem como dos racismos estruturais.

Sendo assim, o terreiro torna-se um espaço educativo; uma educação para a vida com significativa importância para a construção de um pacto civilizatório, de possíveis encruzilhadas desconstruindo a “história única”² que estigmatizou, humilhou e subjetivou o povo de terreiro.

1 CARNEIRO, Sueli. Mulheres em movimento. Estudos avançados. Revista da Uspe. Vol. 17, nº 49, 2008, p 117.

2 ADICHIE, Chimamanda Ngozi. O perigo de uma história única. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.p.08

2. EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E A LEI 10.639/03

Não se pode pensar educação sem levar em consideração a realidade concreta criada pela herança cultural, pela evolução econômica e a estruturação do poder político, pois “a ação educativa processa-se de acordo com a compreensão que se tem da realidade social em que se está imerso.”³

Cabem aos que querem compreender o processo educativo brasileiro a sensibilidade, a disposição e a disponibilidade para comparar e analisar os rastros deixados pela história que influenciam diretamente na educação vigente. É preciso uma disposição radical para ler, ver, ouvir e contar e assim, “a história, dessa forma ajuda-nos a olhar a realidade com paciência: afinal, as coisas demoram muito a mudar[...]”⁴

A educação brasileira percorreu um longo caminho para se implementar como um sistema possível a todos. Na ação educativa jesuítica de ensinamento aos gentis, tem-se seu primeiro ensaio, visto que não se pode considerar de fato como educação, já que seu intuito era de promover o processo de aculturação do nativo objetivando utilizá-lo como força de trabalho através da imposição da aprendizagem da língua portuguesa e de uma “nova interpretação da vida e da morte”⁵ postulada nas escrituras sagradas.

As condições objetivas que, portanto, favoreceram essa ação educativa foram, de um lado, a organização social, e, de outro, o conteúdo cultural que foi transportado para a colônia, através da formação mesma dos padres da Companhia de Jesus. A primeira condição consistia de uma minoria de donos de terras e senhores de engenho sobre uma massa de agregados e escravos. Apenas àqueles cabia o direito à educação [...] era, portanto, a um limitado grupo de pessoas pertencentes à classe dominante que estava à educação escolarizada.⁶

3 ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. *História da educação no Brasil*. Rio de Janeiro: Petrópolis, 2002, p. 15.

4 GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; LOPES, Eliane Marta Teixeira. *História da educação*. Rio de Janeiro: PD&A, 2001. p. 17

5 XAVIER, Maria Elizabete; RIBEIRO, Maria Luisa; NORONHA, Olinda Maria. *História da educação: a escola no Brasil*. São Paulo: FTD, 1994.

6 ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. *História da educação no Brasil*. Rio de Janeiro: Petrópolis, 2002.p.33

Destaca-se que esse ensino era completamente alheio a realidade da colônia. Entre os objetivos da ação Jesuítica era: recrutar fies e servidores, ambos atingidos pela ação educadora. Com os olhos voltados para fora e impregnada de uma cultura intelectual transplantada, alienada e alienante.

Foi, a educação dada pelos Jesuítas à classe dominante, transformada em educação de classe. Essa educação não foi modificada, mesmo quando a demanda pela educação começou a aumentar, atingindo as camadas mais baixa da população e obrigando ao estado a ampliar sua oferta escolar.⁷

Diversas dificuldades decorreram no sistema educacional, da expulsão dos Jesuítas em 1759 até as primeiras providências para substituí-los, transcorram 13 anos. Mesmo assim, não mudou a situação. Os Jesuítas mantiveram seus colégios, seminários e formação dos seus sacerdotes.

O século XIX, no Brasil, viu o surgimento de novo desenho da estratificação social mais complexa, com uma camada social intermediária.

Essa classe desempenhou relevante papel na evolução da política no Brasil monárquico e nas transformações porque passou o regime no final do século. E se ela pôde fazê-lo, isso se deve sobretudo ao instrumento do que dispôs para afirmar-se como classe: a educação escolarizada.⁸

A educação está relacionada a uma sociedade, bem como a época em que está inserida, mas também em consequência do pertencimento dos indivíduos a um gênero, a uma raça, etnia, a uma classe social e a uma fase da vida.⁹

No processo vivenciado por africanos e africanas e seus e suas descendentes, reconhecidos e reconhecidas como afro-brasileiros, tem ao longo da história elaborado um pensamento próprio reconhecendo que sua história começa na África, assim como suas raízes étnicas. Lutando para assumir de forma plena seu papel na sociedade.

7 ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. *História da educação no Brasil*. Rio de Janeiro: Petrópolis, 2002, p.35

8 ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. *História da educação no Brasil*. Rio de Janeiro: Petrópolis, 2002, p.37

9 GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; LOPES, Eliane Marta Teixeira. *História da educação*. Rio de Janeiro: PD&A, 2001, p. 61.

As experiências educativas indicam para o povo negro o desejo de romper com o discurso sobre negros e negras que o/a marginaliza, rejeita. Ações que ao longo dos tempos, vem gestando sua educação. Referências criadas nas diferentes circunstâncias históricas. Das escolas de iniciação das culturas tradicionais africanas, dos terreiros das religiões afro-brasileiras, das irmandades, grupos congada¹⁰.

O olhar dos movimentos sociais para a educação, e, particularmente do movimento negro, trouxe reivindicações, mas também problematizações teóricas e ênfases específicas para a educação brasileira¹¹.

A educação tem um potencial de desconstruir as certezas internalizadas da superioridade branca e eurocêntrica, sendo antirracista e foi sabendo disso que o movimento negro lutou pela Lei 10.639/03¹²

Educação, pauta principal do movimento negro, foi e é condição necessária para superação da exclusão e desigualdade social imposta pelo racismo, principalmente o racismo estrutural. Por entre becos e escadarias, como um grito pela libertação, ecoa “Estude, um dia isso será importante” tendo em vista orientar as filhas e filhos negras e negros a trilharem novos caminhos para assim conquistarem novos espaços e interferirem na condição de ser negra e negro e se constituírem como sujeitas e sujeitos da história. Não podemos esquecer que:

Enquanto ideologia, o racismo constitui-se como representação do imaginário social sobre as identidades raciais, de maneira que o imperativo é manter o branco no lugar de líder nato irracional enquanto que o negro em condições subalternas. Denota-se, portanto, que o racismo formata as subjetividades nas relações sociais, visto que do ponto de vista da consciência e dos afetos o racismo valida quem merece ser considerado sujeito.¹³

10 GONÇALVES, Petronilha Beatriz; SILVA, Lucia Maria de Assunção Barbosa. O pensamento negro em educação no Brasil. São Paulo: Editora Universidade Federal de São Carlos, 1997, p.11.

11 GOMES, Nilma Lino. Movimento Negro e educação: resignificando e politizando a raça. Educ. Soc. Campinas, V.33, Nº 120, jul-set 2012, p. 20.

12 ALMEIDA, Silvio Luiz. Racismo estrutural. revista afirmativa. Coleção feminismos plurais. Coord. Djamilia Ribeiro. São Paulo: Sueli Carneiro Pólen, 2019.

13 GOMES, Nilma Lino. Linguagem em foco. Revista o programa de pós-graduação em linguística aplicadas UESE. Vol. 8, nº 2, 2016

A sociedade brasileira sempre negou o racismo, somos essa sociedade que tem racismo sem racistas. Ainda convivemos com o mito da democracia racial que segundo Gomes (2016),

a situação de colonização pelos portugueses foi a ‘mais branda’ do que em outros contextos de dominação colonial devido uma “maneira amigável” de relações entre senhores (as) e escravos (as), há uma propensão dos portugueses de se misturarem com os povos que eles oprimiam. [...] Sugere uma harmonia entre as raças.¹⁴

Há uma perversidade nesse discurso, continua Gomes, pois ele encobre a violência colonial e o racismo na vida e trajetória das pessoas negras no Brasil. Mesmo com tudo isso, mesmo ainda convivendo com o mito, movimento negro é educador, nunca perdeu de vista o caminho na construção de que “uma sobe e puxa outras e outros”¹⁵ outras e outros.

A lei 10.639/03, ainda não está para a vida da população negra, mas é uma vitória do movimento negro. Os caminhos são longos para sua implementação, refletindo no aspecto do racismo estrutural que rodeia o estado brasileiro. Mesmo que o segundo inciso da lei 11.645 de 10 de março de 2008, pontue que:

Os conteúdos referentes a história e a cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística literatura e história brasileira.¹⁶

as escolas formais mantêm o carácter etnocêntrico europeu e perpetuam práticas massivas de educação que contrariam a perspectiva plural trazida pela lei em voga. Em contrapartida, os espaços de terreiros possibilitam não só o acesso aos conteúdos, mas também vivências através dos ensinamentos da história e da cultura desses povos.

É de extrema importância compreender que superar o racismo é um dever de toda a sociedade, é um ato político.

14 GOMES, Nilma Lino. Linguagem em foco. Revista o programa de pós-graduação em linguística aplicadas UESE. Vol. 8, nº 2, 2016.

15 Frase cunhada pelo movimento negro.

16 Documento oficial - Presidência da República □ Casa Civil. Subchefia para assuntos jurídicos, Lei: 11.645, de 10 de março de 2008.

3. EDUCAÇÃO E ENCRUZILHADAS

Das entranhas eu sou Encruzilhada.
 Chibata de ferro meu corpo de água.
 Das entranhas eu sou a Encruzilhadas.
 Chibata de ferro minha língua navalha,
 Ira de lágrimas Kawô
 Fogo nas águas Xangô
 Maré crespa preta maré
 Ira vira Kawô
 Fogo nas águas Xangô
 Maré.
 Deise Fatuma,
 Maré Kawô pela voz de Mariele Franco.¹⁷

Não se pode começar uma prosa sobre educação e Encruzilhadas sem considerar os marcadores sociais de opressão que incidem sobre a vida de mulheres negras e homens negros. Assim, o processo de interseccionalidade – conceito construído pelo povo negro como um amuleto ancestral – possibilita observar essas opressões, para a partir delas enxergar pensar estratégias de luta coletiva.

Mulheres negras e homens negros foram as pioneiras e os pioneiros na luta para uma construção de sociedade onde caiba todas e todos. Não foi à toa a luta de Sojourner Truth, nascida no processo escravatório, em 1851, durante a convenção dos direitos das mulheres de Ohio, em discurso de improviso, indagou: “Eu não sou uma mulher?” denunciando as diversas formas e opressão que sofriam as mulheres negras.

A luta negra vem de um legado de guerreiras e guerreiros que não se curvaram ao processo de 373 anos de escravização. Dessa forma, é oportuno dialogar com a interseccionalidade que “permite enxergar a colisão das estruturas, a interação simultânea das avenidas identitárias”.¹⁸ Assim,

a diáspora Negra deve buscar caminhos discursivos com atenção aos acordos estabelecidos com os antepassados.

17 AKOTIRENE, Carla. Interseccionalidade. Feminismos plurais/coord. Djamila Ribeiro. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen 2019, p.08 Letramento, 2018, p.08

18 CRENHAW, Kimberlé, 2000 apud AKOTIRENE, Carla. Interseccionalidade. Feminismos plurais/coord. Djamila Ribeiro. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen 2019, p.08 Letramento, 2018, p.014

Ao consultar quem é devido, EXU, divindade africana da comunicação, senhor da Encruzilhada e, portanto, da interseccionalidade, que respondi como avós sabedoria de quanto tempo a língua escravizada esteve amordaçada politicamente[...].¹⁹

Exu, senhor de diversos caminhos e diversas pedagogias, possibilita ao povo negro trajetórias e ensina que não se deve nunca desistir, mas sempre lutar pelos seus ideais, pois nunca “jorrou nem leite e nem mel” para eles, mas que apesar dos caminhos serem mais difíceis, não devem deixar de lutar. É nessa insistência de viver e aprender com a ancestralidade negra que retornar e compreender o legado deixado possibilita outras construções de mundo.

A voz da minha bisavó

É ecoou criança
 Nos porões do navio {...}
 A voz da minha avó
 Ecoou obediência aos brancos-donos de tudo.
 A voz de minha mãe é com o baixinho revolta {...}
 A minha voz ainda é coroa versos perplexos com rimas de sangue e fome
 A voz da minha filha recolhe todas as nossas vozes {...}
 A voz de minha filha recolhe em si
 A fala e o ato.
 O ontem,- hoje - o agora.
 Na voz de minha filha
 Se fará ouvir a ressonância
 O eco da vida- Liberdade.²⁰

Esse texto poético, de Evaristo, evoca toda a população negra para o ato político dialogado nas Encruzilhadas colocadas para educação e para a vida em coletivo.

A pedagogia das Encruzilhadas, um projeto poético / arrebatado por Exu [...]. Exu enquanto explicativo do mundo transladado na diáspora que versa acerca dos acontecimentos, dos movimentos, da ambivalência, do

19 AKOTIRENE, Carla. Interseccionalidade. Feminismos plurais/coord. Djamila Ribeiro. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen 2019, p.08 Letramento, 2018, p.08

20 EVARISTO, Conceição. O eco da vida- Liberdade. Vozes- Mulheres, 2018.

inacabamento e dos caminhos enquanto possibilidades, é o elemento que assenta e substancia as ações de fronteira, resiliência e transgressão, qual o significado em forma pedagógica.²¹

É necessário a capacidade de construir seres, reconstruir e possibilitar uma educação transformadora, onde se veja as experiências e as partilhas construídas às várias mãos através do

reinventar seres[...] trançando as esteiras do terreiro se pratica as Encruzilhadas cuspidando marafo, baforando fumaça, arriando farofa, acendendo a vela, velando a vida, inventando terreiros e transgredindo mundos “²²

O diálogo das Encruzilhadas, campo do cruzo, é um diálogo de possibilidades pedagógicas e múltiplos caminhos: de luta, de solidariedade, de especificidade e de interseccionalidade. A partir desse olhar, observa-se a educação como prática emancipatória, onde estão pautadas instâncias de não conformidade, rebeldia e transgressão a partir do princípio da circularidade²³. Sendo essa entendida como categoria central para o pensamento afro-brasileiro e que nos revela uma outra perspectiva de pensamento, outros modos de ensinar, aprender e pesquisar.²⁴

Através dessa nova perspectiva, espera-se uma educação que reconheça os saberes populares, as oralidades, a relação com a natureza, rompendo com o individualismo, o capitalismo, o sexismo e o racismo. Uma educação voltada para a ação e emancipação, autonomia e libertação de todos e todas as formas de opressão, dando autonomia a todas as sujeitas e todos os sujeitos.

4. O TERREIRO E O LUGAR EDUCATIVO

Estabelecer relações entre o terreiro e a educação parte de alguns questionamentos: O terreiro é um lugar educativo? É possível aprender nesse espaço?

21 RUFILINO JUNIO, Luiz. Pedagogia das encruzilhadas. Revista periferia. Educação, cultura e comunicação. Vol.10, nº 1, 2018, p.73.

22 RUFILINO JUNIO, Luiz. Pedagogia das encruzilhadas. Revista periferia. Educação, cultura e comunicação. Vol.10, nº 1, 2018, p.75.

23 REIS NETO, João Augusto dos. A pedagogia de Exu: educar para resistir e (R)existir. Revista Calundu. Vol.3, nº 2, 2019, p.09

24 Idem

Para início de conversa é imprescindível explicitar que “os valores e princípios do pensamento afro-religioso, desde a perspectiva lorubá, centram-se na figura de Exu.”²⁵ E que está na vivência cotidiana do terreiro o principal processo pedagógico.

Partindo dessas premissas “Só se levanta para ensinar, aquela que se sentou para aprender.”²⁶ O aprendizado no ilê se dá, preferencialmente, pela oralidade, sendo essa a principal transmissão do axé (força vital).

O terreiro é o espaço de vivência coletivas, experiência, outras linguagens e outra percepção de mundo. Dessa forma, contribuir para uma nova percepção de interpretar a educação.

Nos espaços “ancestrálicos de matriz africana”²⁷ assume-se a educação antirracista que enfrenta a intolerância religiosa, não esquecendo a laicidade do Estado.

Os processos educativos nos candomblés são concebidos por meio de uma educação integral. Não se divide o saber, não se separam as disciplinas, somam-se os valores éticos e filosóficos ao cotidiano. A educação para toda a vida.²⁸

O terreiro é esse legado educativo e nesse espaço de educação quem primeiro chega é a oralidade – essa transmitida de boca a boca, um verdadeiro correio Nagô.

É no espaço das matrizes africanas onde nos tornamos seres da cultura oral.

5. ALGUMAS PALAVRAS PARA FINALIZAR ESSA PROSA

Ao caminhar para uma conversa sobre educação, candomblé e o diálogo para as Encruzilhadas, deseja-se chegar suave, generoso, sem ranço, no sentido de dialogar com o terreiro como contribuição para as leis 10.

25 REIS NETO, João Augusto dos. A pedagogia de Exu: educar para resistir e (R)existir. Revista Calundu. Vol.3, nº 2, 2019, p.10

26 Idem

27 JESUS, Jairo Pereira Olorodé Ogiyan Kalafó. A matriz africana. Série pensamento negro decolonial. Mirina Cristiane Alves(org) e Jário de Pereira Jesus(org). 1ª ed. Porto Alegre, 2020, p, 20

28 BOTELHO, Denise; NASCIMENTO, Wanderson Flor do. Educação e religiosidade afro-brasileira: a experiência dos candomblés. Revista participação- revista de extensão da Universidade de Brasília, 2011.

639/03 e 11.645/08 como princípio de que o Candomblé, as matrizes africanas e afro-indígena, tão desvalorizadas, estigmatizadas, subalternizadas possam ser compreendidas de forma afetuosa e respeitosa.

A hegemonia teórica que privilegia apenas o conteúdo eurocêntrico nas escolas brasileiras tem alijados negras e negros, brancas e brancos do conhecimento histórico da cultura brasileira, pertencente a outros grupos étnico cultural, dificultando uma consciência reflexiva e emancipatória da nossa população²⁹.

O terreiro nos oferece, com todo afeto, muitas possibilidades para educação. É um momento de partilhar saberes, aprendizagens na oralidade. Esses valores foram construídos por quem veio na grande “calunga”. Valores que trazem educação com grande diversidade.

“Pensar a diversidade étnico racial na área educacional é possibilitar a inclusão, respeito, conteúdo e solidariedade”³⁰. Solidariedade essa tão essencial neste momento que atravessa o país. É buscar uma educação que emancipe e transforme. Não tem como finalizar essa prosa, pois ainda temos muito a construir. “Não há fim, o fim é o começo”³¹. Educação, Encruzilhadas, candomblé não cabe apenas num texto.

“A educação é para o desenvolvimento do ser em todas as suas potencialidades.”³²

Desejamos a todas, todos e todes, a busca das Encruzilhadas, pois estamos no cruzo.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. O perigo de uma história única. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

AKOTIRENE, Carla. Interseccionalidade. Feminismos plurais/coord. Djamilia Ribeiro. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen 2019, p.08 Letramento, 2018,

29 BOTELHO, Denise; NASCIMENTO, Wanderson Flor do. Educação e religiosidade afro-brasileira: a experiência dos candomblés. Revista participação- revista de extensão da Universidade de Brasília, 2011.p.79

30 Idem

31 Idem

32 Idem

ALMEIDA, Silvio Luiz. Racismo estrutural. revista afirmativa. Coleção feminis-
mos plurais. Coord. Djamila Ribeiro. São Paulo: Sueli Carneiro Pólen, 2019.

BOTELHO, Denise; NASCIMENTO, Wanderson Flor do. Educação e
religiosidade afro-brasileira: a experiência dos candomblés. Revista partici-
pação- revista de extensão da Universidade de Brasília, 2011.

CARNEIRO, Sueli. Mulheres em movimento. Estudos avançados. Revista da
Uspe. Vol. 17, nº 49, 2008

Documento oficial - Presidência da República – Casa Civil. Subchefia para
assuntos jurídicos, Lei: 11.645, de 10 de março de 2008.

EVARISTO, Conceição. O eco da vida- Liberdade. Vozes- Mulheres, 2018.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; LOPES, Eliane Marta Teixeira. História da
educação. Rio de Janeiro: PD&A, 2001. p.

GOMES, Nilma Lino. Movimento Negro e educação: ressignificando e politi-
zando a raça. Educ. Soc. Campinas, V.33, Nº 120, jul-set 2012, p. 20.

_____. Linguagem em foco. Revista o programa de pós-graduação em
linguística aplicadas UESE. Vol. 8, nº 2, 2016.

GONÇALVES, Petronilha Beatriz; SILVA, Lucia Maria de Assunção Barbosa. O
pensamento negro em educação no Brasil. São Paulo: Editora Universidade
Federal de São Carlos, 1997.

JESUS, Jairo Pereira Olorodé Ogiyan Kalafó. A matriz africana. Série pen-
samento negro decolonial. Mirina Cristiane Alves(org) e Jário de Pereira
Jesus(org). 1ª ed.Porto Alegre, 2020

REIS NETO, João Augusto dos. A pedagogia de Exu: educar para resistir e (R)
existir. Revista Calundu. Vol.3, nº 2, 2019

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. História da educação no Brasil. Rio de
Janeiro: Petrópolis, 2002.

RUFILNO JUNIO, Luiz. Pedagogia das encruzilhadas. Revista periferia. Educação, cultura e comunicação. Vol.10, nº 1, 2018, p.73.

XAVIER, Maria Elizabete; RIBEIRO, Maria Luisa; NORONHA, Olinda Maria. História da educação: a escola no Brasil. São Paulo: FTD, 1994.